
“NA BOCA DO LOBO”: Entrevista com Monique LÉVI-STRAUSS (versão em português)

*Entrevista realizada 26 de outubro de 2018 em Paris sobre o livro **Une enfance dans la gueule du loup**¹, Librairie du XXIème siècle, Seuil, Lonrai 2014*

Juliana Caruso e Helena Prado

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7482>

DOI: 10.4000/pontourbe.7482

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Juliana Caruso e Helena Prado, « “NA BOCA DO LOBO”: Entrevista com Monique LÉVI-STRAUSS (versão em português) », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 27 dezembro 2019, consultado o 01 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7482> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7482>

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

“NA BOCA DO LOBO”: Entrevista com Monique LÉVI-STRAUSS (versão em português)

Entrevista realizada 26 de outubro de 2018 em Paris sobre o livro **Une enfance dans la gueule du loup**¹, Librairie du XXI^{ème} siècle, Seuil, Lonrai 2014

Juliana Caruso e Helena Prado

NOTA DO AUTOR

Tradução: Regina Helena de Oliveira Machado (reoliveira@hotmail.fr)

- 1 O livro de memórias da infância e juventude de Monique Lévi-Strauss, intitulado “*Une enfance dans la gueule du loup*”, remete principalmente às lembranças da autora sobre o período vivido na Alemanha durante a Segunda Guerra. O que traz certa singularidade a esta obra é o fato de a autora ser originária da França, com um pai belga e uma mãe de origem judia, e ter imigrado com a sua família da França para a Alemanha em 1939. Certamente, não podemos reduzir este livro apenas a estas memórias. São entremeadas histórias de família, descrições de antes e do pós-guerra de lugares e de sensações que pertencem à primeira metade do século XX. Assim como o livro não se limita a uma experiência, esta entrevista tem como objetivo falar da obra, mas toca também em assuntos para serem refletidos na nossa contemporaneidade como a construção da memória individual e da história coletiva na emergência de conflitos e questões políticas atuais e memórias diversas de Monique Lévi-Strauss.

JULIANA CARUSO: Em primeiro lugar gostaria de agradecer-lhe, Senhora Monique Lévi-Strauss, por ter aceitado nos conceder esta entrevista. Gostei muito de seu livro, é um lindo presente para a época em que vivemos. Tenho muitas perguntas, seu livro me comoveu por várias razões.

Eu fiz um breve esquema genealógico do que você nos conta em seu livro. Há duas questões em sua família relativas à genealogia. A primeira é que você nos dá muitas

informações sobre sua família materna, e poucas informações sobre a família de seu pai. Isso chamou minha atenção quando comecei a desenhar sua genealogia. Por outro lado, você diz que seus primos preferidos ou mais presentes em sua infância, foram justamente os primos do lado paterno, patrilineares.

A segunda questão está relacionada ao fato que você mostra que em sua família materna houve dois casamentos entre primos. Eu trabalho bastante sobre a questão dos casamentos entre primos, então me perguntei: é uma coincidência? É um costume relacionado às origens judias de sua família? Duas primeiras questões de genealogia para começar.

Monique Lévi-Strauss: À sua primeira pergunta – porque dou muito mais importância à minha família materna que à minha família paterna – a resposta é bastante simples: meus avós maternos viviam numa linda casa em Saint Cloud e eram americanos que viviam com dólares na França. É preciso dizer que nos anos 1920-1930, o dólar na França valia muito dinheiro e todos os americanos que vinham para a França pensavam que o luxo não custava nada. Já não é o caso agora, mas antigamente quando as pessoas tinham dólares era uma loucura: pagavam muito pouco os empregados domésticos, tinham motoristas, carro, comida deliciosa, bons vinhos e champanhe por nada. Então meus avós viviam com recursos americanos, porque meu avô importava e exportava madrepérola.

Comparando as duas famílias, minha família materna era muito mais rica e morava aqui. Eu passava todos os fins de semana na casa de meus avós maternos em Saint Cloud. Nunca na casa de meus avós paternos que eram divorciados e que tinham poucos recursos. Eles viviam como pequenos burgueses; não tinham uma casa grande para receber... Com exceção de uma irmã de meu pai, mulher do Coronel De Ruder – que tinha sido ajudante do rei Albert -: ele era corretor da Bolsa e depois da quebra da bolsa em 1929, eles estavam arruinados, mas apesar disso continuaram a levar uma vida relativamente luxuosa. Eram os dois filhos deles, nossos primos que tinham nossa idade, que eu via com frequência. É por isso que eles eram uma exceção, aliás meu pai os ajudava financeiramente.

Essa é a resposta à primeira pergunta. A segunda questão, sobre a endogamia, a resposta é: os judeus eram notoriamente endógamos, enquanto os não judeus não, de forma alguma.

HELENA PRADO: Algo nos surpreendeu realmente à leitura, é o trabalho de memória que você faz em seu livro. Desde o início você diz:

“Depois da guerra, o momento era ideal para narrar, oralmente ou por escrito, minhas lembranças ainda recentes. Não sou a única a ter constatado: as lembranças da guerra não interessavam ninguém. Eu tinha voltado à França em 1945 e os episódios que acabava de viver, ferviam em minha cabeça, eu queria falar disso. Não havia ninguém para ouvir, queria virar a página, recomeçar a viver normalmente. Se eu tivesse sido perspicaz, teria previsto que um dia uma nova geração, curiosa do passado, se interessaria à vida cotidiana dos indivíduos durante a guerra. Não antecipei, não escrevi em 1945.” (p. 11-12, as itálicas são nossas)

Isso é bastante surpreendente, comparado ao ensino que temos na França, sobre a Segunda Guerra Mundial, pois é algo que se repete muito durante anos, e faz parte do exame do bacharelado. Para minha geração é estranho pensar que finalmente em 1945, não havia ninguém para falar disso, e ao mesmo tempo não é tão estranho, mas eu gostaria de ouvir sua opinião sobre isso.

MLS: É que as pessoas tinham vontade de virar a página. Elas estavam saturadas da guerra.

É difícil, sabem. Isso queria dizer recalcar toda uma parte de mim que estava realmente em ebulição. Então eu recalquei até o dia em que tive meus netos e pensei: quando eles forem velhos eu não vou mais estar aqui. E nesse dia eles vão dizer: mas se nós tivéssemos colocado questões. E foi a essas questões que eu quis responder, o mais sobriamente possível, para que eles tenham uma espécie de esqueleto de minha história.

HP: É interessante o que você diz, a respeito das pessoas que não queriam ouvir. Quem eram essas pessoas que não queriam ouvir? Eram pessoas que também haviam atravessado tudo isso? na França? nos Estados Unidos?

MLS: Não, nos Estados Unidos eles nem sabem onde fica a França. Não, nos Estados Unidos quando eu falava dos bombardeios eles não entendiam nem mesmo o que eu queria dizer.

HP: Apesar do fato de que as forças americanas haviam sido enviadas à França e à Alemanha?

MLS: Sim, mas isso não tinha nada a ver com os bombardeios, e durou pouco. Eles perderam muitos homens, foram muito corajosos. Não estou negando isso, mas eles não tinham nenhuma experiência. Eles sabiam bombardear, mas não sabiam o que era estar no meio dos bombardeios. Enquanto que os ingleses o sabiam perfeitamente. Mas os americanos não. Eu estava na América do Norte no início de 1946. Ou seja, apenas um ano depois do armistício, e as pessoas não podiam sequer entender.

HP: Você diria que se trata de uma espécie de indiferença ou de uma incompreensão?

MLS: Enfim, de uma incompreensão, porque é muito difícil imaginar algo que não se viveu. Não se pode pedir demais. Nem aos animais, nem aos seres humanos. Não se pode imaginar coisas assim.

HP: Tenho perguntas em relação a isso. Notei sua citação quando você voltou à França justamente: professores do secundário lhe pedem para falar disso...

MLS: Sim. O Lycée Molière. E lá os professores me disseram: “seria bom se você viesse para nos falar dos *boches*”². Dos “*boches*”? pensei comigo. Fizemos toda essa guerra e eles ainda não entenderam nada. Os *boches*, isso queria dizer pessoas horríveis, oitenta milhões de pessoas... coisas que eu não podia conceber. Era o que dizia Hitler quando ele falava dos judeus, todos os judeus eram horríveis! Eu me insurgia contra esses discursos e chego aqui e ouço os mesmos discursos a respeito dos alemães, o mesmo tipo de discurso de generalização completamente imbecil. Em 1945, eu tinha 19 anos. É dizer-lhes que eu tinha as ideias bem no lugar.

HP: Falei com Juliana e ela nunca tinha ouvido essa expressão, “*boche*”.

MLS: Mas você sim, você sabe a que ponto é uma expressão de desprezo...

HP: Sim, e Juliana se interrogava a esse respeito.

JC: Eu comecei a procurar essa expressão no dicionário. Como sou brasileira, nunca a tinha ouvido. E pensei que talvez a Helena pudesse me explicar porque eu só encontrava essa palavra em alemão. Isso me surpreendeu, essa maneira tão generalizada de ver os alemães, similar à visão tão generalizada e negativa que tinham dos judeus.

HP: Isso quer dizer que não se admitem nuances, nem complexificações da questão, tanto de um lado como do outro?

MLS: Não, absolutamente. Eram jovens professores, para eles os alemães eram “*boches*”, embora a Europa estivesse por se fazer. A única solução era fazer a Europa e

avançar. Então, era bastante deprimente o fato de se dizer: tudo isso por nada, todos esses mortos por nada, todos esses sofrimentos por nada.

HP: Foi isso que você sentiu?

MLS: Sim, muitíssimo. Foi o que senti também quando fui aos Estados Unidos e percebi que não havia nenhuma compreensão. Foi somente depois do Vietnã que os americanos começaram a se questionar; foi preciso o Vietnã, muito tempo depois.

HP: O Vietnã porque também foi uma experiência de guerra?

MLS: Sim. Eles perderam homens. Alguns foram presos... eles se deram conta que num conflito há dois lados, e os dois lados lutam por alguma coisa, dos dois lados há homens e mulheres corajosos, e eles se deram conta finalmente. E não se pode resolver o conflito tomando partido. Enfim, isso se nós quiséssemos que o mundo ficasse em paz, o que provavelmente nunca acontecerá.

Para que o mundo se torne pacífico seria preciso que compreendêssemos que os outros também têm seu ponto de vista, igualmente justificado, e que a única maneira de se entender é dialogar e fazer compromissos. Enquanto isso não se faz, não conseguiremos nada.

JC: Tenho uma pergunta relacionada aos bombardeios e experiências de guerra. Você começa a falar das sirenes em 1940 (p. 88) e da rotina durante a guerra: descer ao porão para esperar que passem os bombardeios dos ingleses na época. Desde 1940 e até o fim da guerra, você nos conta essa experiência terrível de ter que esperar os bombardeios e em certos momentos você fala também de bombas incendiárias. Você não fala de medo nesse momento. A ideia de que você teve *sorte* passou por seu espírito?

MLS: O que você quer dizer com “sorte”?

HP: Você teve a impressão de ter tido uma chance particular? Como você viveu essas coisas que aconteciam todos os dias?

MLS: Eu estava convencida que não sairíamos vivos daquilo, porque vi muitas pessoas morrerem e pensava: “não se pode evitar o pior continuamente, em algum momento isso vai cair em cima de mim”. Acontece que para minha mãe era exatamente o contrário. Minha mãe sempre dizia: “sim, vamos sair disso, é preciso resistir”. Minha mãe tinha uma espécie de fé na vida formidável e ela dizia: “não, não, vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem!”.

Vocês precisam entender, quando as bombas caem – precisam entender fisicamente: a bomba cai, digamos a cinquenta metros, e faz um buraco na terra, e você, você pula. É exatamente como um balanço e a gente se sente como se estivesse numa tábua, alguém pula de um lado e você pula de outro. Quando a gente pula assim três ou quatro vezes durante a noite, a gente se diz que da próxima vez vai cair em você. Não é possível de outra maneira, é físico. Tínhamos sempre uma vela acesa: cada vez que a vela se apagava, isso acontece num porão, a gente pula de pelo menos vinte centímetros, e a vela se apaga. Alguém sempre tem fósforos na escuridão, acendemos de novo e ao cabo da terceira ou quarta vez estamos completamente acabados... a gente diz “vai cair em mim”. É muito forte como experiência física.

HP: Num dado momento a gente se acostuma? A descer todas as noites cada vez que se ouve uma sirene?

MLS: Sim, de fato a gente se acostuma. Não havia tumulto, mas ficamos traumatizados por toda a vida. Ou seja, ainda agora, há ruídos que eu não suporto. Ainda agora sinto muito bem que vou ter um mal-estar, porque é demais. Não posso ir

onde há multidão, uivos de sirenes... sou mais frágil que outras pessoas. Portanto a gente paga, mas se acostuma.

Jc: É preciso dizer que em seu relato a primeira coisa que chama a atenção é sua resiliência. Você fala muitas vezes da falta de comida, de roupas, principalmente no fim da guerra. Você sentiu a mesma coisa nas pessoas que estavam a seu lado, não apenas sua família, mas também seus colegas de escola, essa resiliência e essa força ao passar por essa experiência tão dolorosa que é a guerra?

MLS: Sim, claro, e é preciso relativizar. Quanto mais a guerra durava, mais mortos havia, mais feridos graves, casas desabadas, ruas onde não se podia mais passar porque haviam sido bombardeadas, isso é tão dramático. Finalmente, não ter mais roupas e ter somente um casaco no qual dormimos e que usamos o tempo todo, é um detalhe em relação ao drama que vivemos. Portanto sim, o ser humano, todo ser vivo – com os animais é a mesma coisa – acaba por se habituar e quanto mais grave se torna, mais a gente se habitua ao pior. Penso realmente que temos uma grande capacidade de nos adaptar e de aceitar.

Jc: Essa questão de como você se acostumou, é algo que me faz pensar. Quando seu pai manda você para uma família alemã em 1938, todos os seus familiares e amigos se opunham à sua partida. Você diz que tinha um pouco de medo de ir à Alemanha, mas você podia imaginar tal coisa antes da guerra?

MLS: Não. Eu não imaginava nada concreto, mas sabia que a guerra era terrível, que as fronteiras estariam fechadas e que não poderíamos mais ir onde quiséssemos. Sabia que não haveria mais nada para comer. Eu tinha lido muitos relatos da guerra de 1914, portanto sabia que era grave e tinha muito medo. Fiz tudo o que pude para que meu pai não volte, mas não havia nada a fazer, eu era muito pequena, tinha 12 anos na época.

Jc: É algo que me intriga bastante com respeito a seu pai, pois ele insiste muito para ir à Alemanha, apesar de todas as pessoas que vêm lhe dizer “não, é perigoso demais”. Ao mesmo tempo você conta que seu pai fazia parte do hebdomadário *La Flèche: organe central du Front commun*³, cujo diretor de publicação, Gaston Bergery, fazia parte das pessoas que frequentavam sua casa.

MLS: Era o mais famoso.

Jc: Sim, e fiz uma breve pesquisa que mostra que em 1933 ele era uma das personalidades que lutava contra o fascismo. Seu pai era muito próximo das pessoas que estavam engajadas na luta contra o fascismo e ele não viu o nazismo.

MLS: Sim, meu pai não era nem um pouco fascista. O que ele admirava na Alemanha era o fato de que os alemães tinham conseguido tirar o povo da enorme pobreza e do desemprego. Os nazistas tomaram uma decisão econômica, ou seja, fazer do sistema econômico da Alemanha um sistema fechado. Eles podiam imprimir tantas notas de banco quanto quisessem pois não tinham relação com o curso do ouro, a moeda alemã era uma moeda interna. O que meu pai admirava, era o fato que ao mudar o sistema econômico na Alemanha, os Nacionais Socialistas deram trabalho a todo mundo; eles construíram autoestradas, imóveis, todos tinham salários, não havia mais desemprego ao cabo de um ou dois anos depois que eles estavam no poder. Todo mundo ganhava sua vida e de repente todo mundo tinha o que comer. Era isso que meu pai admirava, mas ele não era de maneira alguma fascista.

Sua questão era: como é que ele estava associado às pessoas de *La Flèche* que eram antifascistas?

Ele era completamente antifascista.

HP: Justamente, sabendo que ele estava completamente na mesma linha que as pessoas de *La Flèche*, qual era a percepção que ele tinha da Alemanha na época? Já havia sinais que ele teria podido entrever e não viu?

MLS: Meu pai tinha feito uma guerra muito corajosa – conto isso em minhas lembranças. Quatro anos nas trincheiras, ele tinha sido gravemente ferido, e havia recebido todas as medalhas possíveis. Portanto ele tinha saído da guerra convencido de que nunca mais haveria outra guerra, tão horrível foi o que viveu. Ele era o que se chama de pacifista. Agora temos dificuldade de imaginar um pacifista, mas na época sabíamos o que isso queria dizer: um pacifista era alguém que não acreditava na guerra. Ele dizia: “não é possível, homens que acabaram de fazer a guerra de 1914-1918 não vão refazer a guerra”. E estava convencido disso.

HP: Era algo inconcebível?

MLS: Inconcebível. Ele pensava que todas as veleidades de propaganda dos nazistas iam acabar bem depressa, porque com a prosperidade na Alemanha eles se tornariam de novo pessoas frequentáveis, e que os nazistas se enganavam completamente. Naquele momento, não conhecíamos a existência dos campos de concentração. Preciso ser honesta, não sabíamos. Sabíamos que havia campos onde internavam os prisioneiros políticos, mas pensávamos que era por alguns meses, um ou dois anos, e que depois eles seriam liberados... mas não pensávamos que era algo de grave, não. Embora minha mãe fizesse parte de um comitê que acolhia refugiados judeus da Alemanha e esse refugiados diziam que era o inferno.

HP: Em que época?

MLS: Em 1937-38 havia comitês aqui para recepcionar os refugiados e ajudá-los. Minha mãe fazia parte de um desses comitês e, portanto, ela tinha todos os testemunhos, ela sabia muito bem que era terrível. Mas meu pai não acreditava, ele pensava que isso era superficial, tudo o que ele via era a realização econômica e o que fizeram os nazistas era prodigioso. Eu mesma em 1938, quando estava na Alemanha e ia às lojas as pessoas diziam: “imaginem, temos uma vida de família de verdade, meu marido não ganhava mais nada, não sabíamos como educar as crianças e agora todo mundo tem o que comer.” Era um milagre.

HP: Finalmente as pessoas estavam otimistas?

MLS: Muito otimistas. Hitler fazia discursos absolutamente loucos, a propaganda de Hitler era maluca. Era uma verdadeira insanidade, o que ele dizia não tinha nenhum sentido. Mas todo mundo tinha confiança porque ele havia trazido a prosperidade.

HP: Penso que esse era o sentido da pergunta da Juliana: finalmente quais eram as informações que chegavam a vocês? e o que fazia que certas pessoas acreditavam e outras não?

MLS: Meu pai não acreditava porque era pacifista; é preciso entender que 1938 era vinte anos depois de 1918. Até vocês sabem que 20 anos passam muito depressa. Meu pai dizia: “são os mesmos homens que saíram da guerra há vinte anos, eles não vão refazer a guerra. É impossível.” E, portanto, ele não acreditava.

HP: Apesar de tudo vocês tinham algumas informações que chegavam, sua mãe estava à escuta dessas pessoas.

MLS: Absolutamente. E todos os nossos amigos sabiam o que se passava na Alemanha e na Áustria. A partir de março de 1938, também havia a Áustria. Minha mãe vinha de

uma família vienense por parte de seu pai. Meus avós socorriam muitas pessoas que vinham da Áustria. Meus avós lhes davam dinheiro, pagavam a viagem deles para os Estados Unidos... Enquanto lhes davam dinheiro diziam “quando vocês se recuperarem, vocês nos devolverão, se puderem.” Para essas pessoas era milagroso porque não se podia sair com dinheiro da Alemanha. Elas saíam com as joias escondidas, mas era a única coisa que podiam fazer.

JC: Sua mãe tinha informações sobre o que acontecia na Alemanha, mas alguém dizia que Hitler era autoritário? O que diziam as pessoas na França sobre Hitler antes da guerra?

MLS: Na minha família materna todo mundo falava alemão e todos tinham ouvido os discursos de Hitler. Eu, quando criança, ouvi os discursos de Hitler: era uma loucura, generalizações completamente absurdas.

Todo mundo sabia, estava claro, límpido. O que dizia Hitler não valia nada. Mas uma vez na Alemanha, a gente entendia porque seu poder era real. Basta ler *Mein Kampf*, não tinha nenhum sentido!

HP: Há uma coisa que me surpreendeu um pouco em seu livro em relação ao enfoque através do qual a guerra é abordada durante nossa escolarização. Trata-se da questão judia, da questão antissemita. Não é algo que aparece com frequência em seu livro.

- 2 Imagino, se entendi bem, que de fato isso foi ocultado durante todos os anos em que você viveu na Alemanha.

MLS: Absolutamente.

HP: E você não fala de um sentimento antissemita que você teria sentido particularmente.

MLS: Sim, mas ele existia em toda parte. O antissemitismo era evidente, em tudo. Isso nós sabíamos, sabíamos antes de ir.

HP: Você sabia, portanto você e seu irmão já tinham integrado, a ideia de que era preciso...

MLS: Que era preciso calar a boca, isso a gente tinha entendido, e nossa vida dependia disso. Nunca dizer nada.

HP: Sobre qualquer assunto?

MLS: Sobre tudo o que dizia respeito à política e às origens de minha mãe.

HP: E como foi que essa ideia de que não se podia dizer nada foi transmitida a você?

MLS: Minha mãe escutava a BBC todas as manhãs. Na BBC, muito rapidamente, eles falaram dos testemunhos das pessoas que tinham conseguido fugir dos campos de concentração. Houve algumas fugas, e muitos foram mortos quando fugiam. Mas alguns passaram e chegaram à Suíça e de lá foram transferidos para a Inglaterra. Então a BBC fez um trabalho admirável: cada vez que havia um refugiado, lhe pediam para contar tudo. E nós escutávamos tudo isso na BBC que minha mãe ouvia todas as manhãs. No começo da guerra não havia refugiados, antes de 1940. Mas muito depressa, em 1941-42 começamos a ter verdadeiros testemunhos e então soubemos que havia câmaras de gás, soubemos de tudo.

Vejam, tudo isso foi chegando progressivamente.

HP: No fim da guerra, em Weimar, você diz:

“[Os proprietários de casa] nunca tinham ouvido falar do campo de Buchenwald. Eu não podia acreditar no que ouvia. Os nazistas tinham conseguido esconder da população a existência desse campo, a poucos quilômetros da cidade.” (p.132)

MLS: Embora todos nós soubéssemos, sabíamos sobre Auschwitz, sabíamos tudo. Os refugiados nos diziam exatamente, nós sabíamos tudo isso. E essas pessoas de Weimar, que estavam a poucos quilômetros, que podiam ir a pé, não sabiam sequer que isso existia.

HP: Como é que você explica esse desconhecimento?

MLS: As pessoas, os guardas de Buchenwald por exemplo, sabiam muito bem que não podiam falar, que a vida deles dependia disso, eles sabiam. E eram bons empregos, eles deviam ser muito bem pagos. Eles não faziam grande coisa, senão ameaçar com armas. Portanto para eles eram esconderijos, e mais, ser guarda lá significava não ir para a linha de frente. Que esconderijo formidável! Mas em contrapartida era preciso calar-se e eles sabiam que se comesçassem a falar, eles morreriam.

HP: Tudo foi feito para que ninguém saiba?

MLS: Absolutamente. E eles sabiam que não haveria hesitação, que seriam mortos imediatamente.

HP: Será que se pode imaginar que há uma espécie de responsabilidade dessa população que estava tão próxima e que não sabia? Será que eles poderiam ter feito outra coisa?

MLS: Não, não. A culpabilidade de todos os alemães, não acredito nisso.

HP: Claro. Eu não estou falando de todos os alemães, mas nesse caso por exemplo, pela proximidade geográfica, será que poderíamos dizer que eles fecharam os olhos?

MLS: Faltava curiosidade neles, podemos dizer as coisas assim, sabendo que eram assuntos muito perigosos e que não se podia fazer perguntas. Mas coloquem-se no lugar das pessoas que têm filhos e netos. Eles pensam que se há um assunto perigoso, é melhor fechar os olhos, fechar os ouvidos. Sem isso, são os filhos deles que vão ficar sem ter o que comer. É uma questão de sobrevivência. Eles não tinham escolha. Para todos os funcionários alemães era assim. Culpabilizá-los? Não. Muita gente me disse “por que eles não resistiram?” Eles não tinham escolha.

JC: No fim da guerra você encontrou pessoas que tinham se arrependido de ter deixado Hitler subir ao poder? Houve um discurso de arrependimento?

MLS: Não, nós deixamos a Alemanha em 1945, nós estávamos num campo de repatriamento e desde então não tive mais relação com os alemães. Penso que os alemães não tinham arrependimento, eles só tinham uma ideia: como reconstruir sua vida depois de tudo. Todos eles tinham perdido muitos membros de sua família, houve muitos mortos na Europa do Leste, na Rússia, eles perderam muita gente. Não perderam muita gente quando invadiram a Europa do Oeste, mas quando fizeram a guerra ao Leste, em Stalingrado, deixaram muita gente. E em todos os bombardeios, eles perderam muitos civis.

HP: Para voltar à história de seu pai: há um momento decisivo; ele é preso e finalmente você o reencontra, depois de vários meses, me parece.

MLS: Ele volta depois de quase seis meses. Eu conto como ele volta, no meio da noite, e não reconhece mais nada em Düsseldorf, porque houve muitos bombardeios. Em volta das estátuas havia montões de palha para protegê-las contra os bombardeios e então ele subia nesses montes. Finalmente ele chegou à pensão de família onde morávamos, no meio de noite. Mas foi muito difícil.

HP: Você explica que ele volta e que você tinha perdido confiança em seu julgamento desde Munique. Você considerava que precisava se distanciar de sua percepção das coisas. E quando ele volta você fica enternecida com sua detenção, muito comovida ao reencontrá-lo, claro. Finalmente naquele momento você se diz “nossos relógios indicavam a mesma hora”⁴.

MLS: Ele tinha entendido. Meu pai era uma pessoa muito inteligente, sentia-se que era uma pessoa muito afiada. Naquele momento ele não podia mais nos dizer que a guerra não aconteceria, isso tinha terminado. Então podíamos finalmente “falar a mesma língua”. Ele já não era *persona grata* na indústria em que trabalhava. Já não tinha o direito de entrar lá; deram-lhe um escritório à parte e pediram-lhe para fazer cálculos para máquinas, para fazer cofragens metálicas ou coisas assim. Então ele fazia cálculos para máquinas, mas ele estava completamente fora de tudo.

HP: Como transparecia nele o fato de que “tinha entendido”?

MLS: A gente via uma pessoa em declínio. Ao reconhecer que tinha se enganado, ele ficou completamente abalado e a partir desse momento nunca mais se reconstruiu. Para os filhos e para minha mãe era difícil ver que tínhamos à nossa frente uma ruína, nós sabíamos e, portanto, éramos caridosos com ele. Mas sabíamos que estava perdido. Nunca mais se recuperaria.

HP: Mas apesar do que você acabou de dizer, vocês tentavam, ou ele tentava levá-los a outros lugares, fugir dos grandes centros bombardeados por exemplo, ir ao campo...

MLS: Sim, decidimos tudo isso juntos.

HP: Naquele momento ele ainda tinha forças para tentar sobreviver?

MLS: Sim, claro, ele queria sobreviver. Além disso era um homem muito generoso e queria fazer tudo o que podia para que nós não sofrêssemos demais. Mas nós percebíamos que não podíamos mais fazer projetos com ele. Víamos bem isso, ele dormia o dia todo e falava a noite toda, era uma pessoa desequilibrada. Verdadeiramente desequilibrada. E podíamos entendê-lo, pois havíamos ouvido todos seus discursos antes e ele nos dizia sempre que tinha razão. E naquele momento não falávamos mais disso, estava acabado.

Ele fez tudo, até o fim, para nos salvar. Quando estávamos em Bonn, sob os bombardeios, e a casa, com o napalm, pegando fogo, ele viu aquilo e apesar de tudo conseguiu pagar um homem que tinha uma camionete com um aquecedor a gás, não era gasolina. Ele o pagou com garrafas de vinho ou não-sei-o-quê para que ele fosse nos buscar e nos fizesse sair de Bonn. Portanto ele ainda fazia o máximo para nos salvar. E finalmente nos salvou, pois no fim da guerra nós passamos para uma cidadezinha à beira do Reno e lá esperamos as forças americanas que nos repatriaram à França. Ele fez o que pôde. Mas o homem, este, estava acabado. É bastante difícil quando se é criança dizer que seu pai... pois um pai é como um Deus...

JC: Isso me faz pensar numa passagem de seu livro onde, em meio às lembranças que seu pai tinha da Primeira Guerra, a Grande Guerra, ele contava a história de um soldado alemão perdido:

“Saindo do nevoeiro, um homem em farrapos tinha-se aproximado da trincheira ocupada por meu pai e seus camaradas: um soldado alemão perdido. Meu pai nos explicava que não se atira à queima-roupa num pobre homem. A gente lhe dá de beber um pouco de aguardente, tabaco, e o enviamos para os seus. O que é um inimigo?” (p. 52)

Será que de uma certa maneira a guerra na Alemanha não o pega de surpresa, em relação à essa humanidade que ele conheceu durante a Primeira Guerra?

MLS: Todos os soldados nas trincheiras tinham o mesmo sentido de humanidade. Não eram mais que corpos nas trincheiras, seja um alemão ou um outro, todos estavam na lama e no frio. Um pobre cara que está perdido, ninguém vai atirar nele. Ele explicava que, a um certo momento, quando a gente está numa grande miséria, certas coisas não contam mais: o fato de ser alemão, não alemão, de ter um grau superior ou inferior,... nada disso contava mais. Era isso que ele queria nos fazer entender.

JC: Outra coisa que me marcou muito em seus relatos da guerra é a força de sua mãe. Até agora falamos de seu pai, mas sua mãe era incrivelmente forte. Ela assumiu todo o trabalho, ensinou para ter dinheiro quando seu pai estava na prisão. No início de seu livro temos a impressão de que ela era uma mulher um pouco frágil, mas à medida em que você conta sua história, vemos que apesar de seu problema de vista, ela era muito forte. Estou enganada?

MLS: Ela era fisicamente muito fraca pois na verdade tinha um câncer. Pouco depois ela morreu de um câncer do cérebro. Antes havia feito uma ablação do útero, pois tinha um câncer do útero. Era uma mulher fisicamente frágil e eu conto também que em sua infância ela não enxergava bem, acreditaram até que ela fosse mentalmente retardada pois ela não podia brincar com as outras crianças. Mas era uma mulher que moralmente e mentalmente tinha uma força extraordinária. Ela provocava a admiração de todo mundo em torno dela pois tinha uma verdadeira força moral. Isso me ajudou muito, e até hoje, muitas vezes na vida, me digo que ela me deu força.

JC: À medida em que avançamos em seu relato a força de sua mãe nos dá a imagem de uma mulher avançada para a época. Depois do divórcio, ela volta aos Estados Unidos e recomeça a trabalhar. Para mim é uma imagem muito bonita.

MLS: Sim, e eu posso dizer que muitas vezes na vida, quando consigo resolver um problema, eu penso “mas é porque mamãe me disse ‘never take no for an answer’”. Minha mãe me ajudou com essa ideia, e é uma ideia muito forte, sabem? É a ideia que, qualquer que seja o problema, é preciso encontrar um meio de resolvê-lo. Além disso, nesta época em que nos tornamos tão feministas, asseguro que ela era feminista antes da hora, porque para ela não havia obstáculos. Ela se dizia “eu vou conseguir”. Foi isso que ela me inculcou.

JC: É emocionante, para mim ela está no centro de seus relatos.

Há outra coisa que atravessa várias vezes seu livro: a questão da psicologia e da psicanálise. Há duas coisas que chamam minha atenção. Em primeiro lugar, no começo de seu livro, aparece a figura de Freud, e no fim a de Lacan, duas grandes figuras da história da psicanálise.

A segunda diz respeito à sua escolha pela medicina. Quando você passa o bacharelado alemão, você escolhe fazer medicina na França e em seguida nos Estados Unidos. Você escolheu medicina para se tornar psicóloga, psicanalista ou psiquiatra? Qual o papel da psicologia em sua vida, pois ela atravessa muitos de seus relatos. Sua mãe fez uma análise e no fim ela trabalha em psiquiatria. Por que você escolheu medicina?

MLS: A medicina sempre me atraiu e posso dizer que durante os meses em que estudei medicina em Paris em 1945, num serviço de cirurgia, todos aqueles que trabalharam comigo me disseram que eu era feita para a medicina. Penso que é verdade, penso que teria sido uma boa médica se eu tivesse podido seguir meus estudos aqui. Mas eu expliquei que a lei me impedia de exercer e então eu não podia fazer seis anos de estudo por uma profissão que não exerceria. Não era possível,

precisava ganhar minha vida. Então renunciei, mas eu era completamente feita para isso.

HP: Eu queria voltar às questões de Juliana. Há a questão da medicina, a questão da psicanálise – é verdade que você menciona isso, você nos conta que sua avó acha ridículo tudo isso...

MLS: Minha bisavó. Ela era bastante contra. Mas minha mãe e todas as minhas primas tinham sido analisadas ou eram psicanalistas. Eu fui criada dentro da psicanálise. Todas as amigas de minha mãe se reuniam em torno de uma xícara de chá para contar as relações que tinham com seu psicanalista. E eu, menina, ouvia isso e me dizia que elas passavam a vida deitadas num divã contando suas histórias, o que me parecia uma loucura.

HP: De qualquer forma é extraordinário ter tido essa experiência no momento do boom de Freud e da psicanálise.

MLS: O irmão de meu avô era muito próximo de Freud. Meu tio-avô era o pediatra dos filhos de Freud e trabalhava muito com ele. Era realmente uma coisa de família.

HP: Foi por acaso que você se encontrou em seguida com Lacan – que, a priori, não tem nada a ver com seu círculo familiar – e todo o círculo de intelectuais do momento?

MLS: Lacan quis me ver regularmente em Paris, todos os domingos, porque eu era trilingue e que ele, como todo francês cultivado, só praticava as línguas mortas. Passávamos os domingos à tarde traduzindo as peças de teatro inglesas e capítulos da obra de Freud.

HP: Para você a psicanálise representava um interesse suplementar?

MLS: Depois de algumas semanas passando os domingos juntos, Lacan me disse: “há uma coisa que se pode dizer, você não precisa de psicanálise”. Eu disse “obrigada”.

Da psicanálise em si, eu já tinha ouvido falar mais que o suficiente em minha vida. Dito isto, tenho o maior respeito por Freud, a maior admiração, ele mudou nossa maneira de pensar. Não pensem que estou jogando o bebê com a água do banho. Mas acho que exageramos muito com a psicanálise. Quando vejo todas as pessoas à minha volta que passam horas por semana nisso, eu penso que podemos fazer o trabalho nós mesmos se fizermos um esforço, não?

HP: Quando começamos, você falava do fato que você havia escrito esse livro como um dever de memória, e que em 1945 você tinha “recalcado” – você usou essa expressão.

MLS: Sim, recalquei pois não tinha espaço para isso. Dizia-se que era absolutamente preciso não falar – todo mundo pensava como eu, não sou a única. Depois, mesmo assim, tudo veio à tona.

HP: É através desse trabalho de escrita que você fez o trabalho de psicanálise você mesma?

MLS: Penso que não é exatamente a mesma coisa, mas há algo de terapêutico. Ou seja, um trabalho como esse coloca bem no lugar todos os elementos que nos atormentam toda a vida. Eu fiz as pazes com meus pais nesse livro⁵. E é verdade, eu me disse que precisava ser grata a eles. Meus pais, os dois, eram irresponsáveis, ainda penso isso hoje, mas os dois me deram muito.

Por exemplo, meu pai me deu muito pois me ensinou matemática muito cedo. Nunca tive problemas em matemática, embora para a maioria das meninas que conhecemos, é um horror, elas não conseguem resolver um problema. Além disso, foi graças à

matemática que não fui desprezada por meus professores alemães que nunca tinham tido alunos estrangeiros. Sob o nazismo não havia nenhum estrangeiro na Alemanha. Eles não sabiam o que era ter uma criança para a qual o alemão não é sua língua. Eles diziam: “ela faz erros enormes quando escreve, ela não pode decorar os poemas” – eu levava horas para aprender um poema de cor, não conhecia sequer as palavras – e eles pensavam que eu era simplesmente uma má aluna. Mas graças à matemática, o professor vinha sempre me ver depois dos conselhos de classe dizendo: “foi difícil com você, fiz bastante esforço, todo mundo pensava que você era uma nulidade”. Para ele eu não era uma nulidade, era brilhante. Brilhante não, mas eu sabia mais que os outros.

Meu pai me deu muito, minha mãe me deu muito, eu fiz as pazes com eles. Então é um pouco como uma psicanálise. Além disso, nesse livro tentei ser a mais objetiva possível. Tentei verificar tudo e não deformar. Claro que a memória sempre deforma, mas penso que escrever é um ótimo exercício.

JC: Voltemos um pouco atrás sobre sua vida escolar, pois você fala de ser estrangeira. Anotei todas as passagens de seu livro em que você conta que mudou de escola, e você mudou muitas vezes de escola em sua vida. Hoje dizem que é muito difícil para as crianças mudar uma vez de escola, e você, de 1934 a 1944, até seu bacharelado, mudou nove vezes de escola. Como você viveu essas mudanças constantes? Mudança de colegas, de professores...

MLS: De tudo. De sistema, de método, de tudo. É muito traumatizante. É muito duro ser má aluna durante anos. Imaginem, à noite quando a gente vai dormir e pensa: “sou uma má aluna”. Era muito difícil dormir depois disso, e, no entanto, eu fazia muito esforço. Penso que é muito traumatizante quando a gente é criança.

HP: Aproveito a questão da Juliana sobre sua escolaridade para retomar uma anedota: você conta que você está numa escola onde devia fazer a saudação nazi...

MLS: Sim, é terrível.

HP: E você tem um professor que é claramente simpatizante do partido nazista.

MLS: Sim, é o diretor da escola.

HP: Sim, é o diretor. Você diz que durante um curso sobre as raças, o professor pede que vá ao quadro-negro...

MLS: Sim, é um outro professor da mesma escola, uma professora de biologia. Ela me chama para me medir, ela dizia: “medimos as dimensões assim [mima os gestos de medida do crânio e do comprimento dos braços e membros]. E então o crânio é assim... portanto ela é típica de raça dinárica⁶”. Bem, eu me disse “parabéns!” [ela ri às gargalhadas]. Não, realmente eu vi de tudo!

HP: Isso me intrigou e quis saber em que podia bem consistir esse curso sobre as raças.

MLS: É uma teoria racista, segunda a qual as raças, cada raça, tem medidas diferentes.

HP: Falava-se abertamente também de comportamento? ou de “raça superior”?

MLS: De raças superiores, claro, mas no caso era simplesmente antropologia física básica, se você quiser. Ela queria dar um pequeno exemplo de como se faz antropologia física.

HP: E ela chamou você, porque você era estrangeira?

MLS: Sim, para mostrar que como eu era estrangeira, minhas medidas eram diferentes.

HP: Você emprega o termo alemão, a *Mischling*: era o termo que diziam para se dirigir a você?

MLS: Era bastante comum. Chama-se *Mischling* um “bastardo de raça” entre humanos. Nunca me chamaram assim, mas eu sabia que era a *Mischling*, ou seja, o produto de duas raças⁷.

HP: Seria o equivalente de mestiça?

MLS: Sim, mestiça ou bastarda.

HP: Há uma conotação muito pejorativa.

MLS: Sim, *Mischling* também.

JC: Você falou de certos colegas que eram pessoas muito simpáticas e que ajudaram você em muitas ocasiões. Mas havia colegas que a evitavam ou que não falavam muito com você porque você era estrangeira?

MLS: Não, é preciso dizer também, para que entendam, que ao cabo de dois anos eu não tinha mais nenhum sotaque. Ainda tinha dificuldade para escrever corretamente, mas não tinha nenhum sotaque, e a maioria de meus camaradas de escola sequer sabia que eu não era alemã. Pessoalmente tive dificuldades durante muito tempo porque não podia ler, além disso tudo estava impresso em gótico. E eu escrevia em gótico, vocês imaginam o que é? Então eu fazia tudo muito lentamente. Mas meus camaradas não percebiam porque eu falava exatamente como eles. E como eu falava inglês e francês correntemente, aprendi muito depressa. Para falar alemão é preciso saber onde colocar o acento tônico, mas como eu já falava outras línguas – falava também um pouco de italiano – sabia que o acento tônico é capital. As outras crianças não percebiam, além disso eu não falava de meus parentes no estrangeiro porque não tínhamos mais nenhuma relação. Portanto meus camaradas não me consideravam estrangeira e nunca me puseram de lado, de maneira nenhuma.

HP: Nem seu irmão?

MLS: Não. Nós falávamos perfeitamente, ao ponto que quando voltei à França tinha um sotaque tão alemão que me disseram que não deveria abrir a boca quando estava na rua. Isso durou algumas semanas, em seguida fui apresentadora na rádio, inverti a situação bem depressa.

Ao contrário, havia crianças que me admiravam muito porque minha mãe estava no hospital e meu pai não estava presente durante a semana. Portanto com 15, 16 anos, estava sozinha em casa para cuidar do meu irmão e de mim, e minha mãe no hospital. As crianças do bairro achavam isso o máximo, eles tinham consciência.

HP: Não era uma situação comum.

MLS: De maneira nenhuma, longe disso. Meu irmão e eu éramos bem vistos, os outros nunca sentiram a diferença.

HP: E o fato de sua mãe ser americana, ela tinha sotaque americano?

MLS: Ela tinha um forte sotaque francês. Ela falava francês como você e eu, mas em alemão ela tinha um sotaque forte. Sabiam que era uma estrangeira.

HP: Houve reações a isso?

MLS: Ela via muito menos gente que nós. Nós íamos às aulas, ficávamos com os professores o dia todo, mas minha mãe ficava em casa. Exceto no ano em que ela ensinou, mas fora isso ela ficava sempre em casa e falava com poucas pessoas.

Além disso nós estávamos na Renânia: a cidade de Prüm ficava na fronteira com o Luxemburgo. Quando a gente vive à beira do Reno a gente vê holandeses, luxemburgueses, franceses, belgas; ao longo do Reno sabe-se o que é ter vizinhos de um outro país.

HP: Você começa seu livro dizendo: “Eu acabava de revelar 3000 negativos de meu marido em 1995”, e você diz “e agora eu é que vou contar”. O que acontece nesse momento?

MLS: Tenho que dizer que trabalhei com meu marido desde 1949. Mas no início de 1951 o casamento dele andava muito mal e ele se separou de sua mulher. Meu marido vendeu toda sua coleção de obras pré-colombianas para comprar um apartamento. Nós mudamos para esse apartamento, chegaram todas as caixas do que ele tinha no apartamento anterior, e nós começamos a arrumar os livros. Havia 12.000 livros.

Havia todos os negativos de fotos e todos os cadernos de notas de expedição e meu marido me disse: “um dia preciso pegar esses documentos e fazer alguma coisa pois esses negativos não valem nada se não forem referenciados”. Mas ele estava escrevendo artigos e lhe pediram para escrever *Tristes Trópicos* (publicado em 1955), portanto ele estava completamente mergulhado na escrita. Havia também *Raça e História* para a UNESCO (publicado em 1952). Ele não tinha tempo para referenciar 3.000 fotos.

Quando eu perdi meu trabalho numa editora onde dirigia uma coleção – a editora faliu –, me encontrei de um dia para o outro sem trabalho. Isso foi em 1992 e eu pensei: “meu marido ainda tem plena consciência, tenho tempo para mim, precisaria encontrar uma solução para esses 3.000 negativos.” Eu tinha em mente que ele ainda tinha isso para fazer antes de sua morte. Disse-lhe que tínhamos que ampliar esses negativos para poder referenciá-los. Procurei e as ampliações custavam uma soma muito grande, além disso havia problemas de pirataria. Meu marido era muito conhecido em 1992, bastava haver alguém um pouco malandro que se dissesse: “vou fazer cópias e depois vendê-las no mercado negro...”

Primeiro meu marido me disse: “não temos dinheiro para pagar 3.000 ampliações”. Acontece que, talvez uns dez anos antes, tínhamos oferecido um ampliador a meu filho – ele adorava fazer fotos –, um ampliador manual, nada de eletrônico. Mathieu, meu filho, fez uma lista de produtos para fixar e de papéis necessários à impressão, comprei tudo isso, foi um pequeno investimento.

Num banheiro pequeno, sem ventilação, na escuridão, de modo experimental, fazia dois ou três testes para uma ampliação. Uma vez que tinha tudo eu passava a outra coisa, e foi assim que fiz os 3.000 negativos. Em seguida meu filho achou que havia realmente fotos magníficas, e foi ele quem fez a escolha de duzentas e poucas fotos. Ele fez ótimas tiragens (publicadas em *Saudades do Brasil*, 1994). No início meu marido recusava referenciá-las. Ele dizia: “estou muito velho, muito cansado e não tenho vontade de fazer isso”. Devo lhes dizer a verdade, os três primeiros dias foram muitos difíceis. Ele tinha dificuldade em encontrar o lugar, a data e as tribos em seus cadernos. Ao cabo de uma semana ele tinha se habituado e fazia isso com muita facilidade, às noites, em uma meia hora ele referenciava uma vintena de ampliações. Uma vez que ele as tinha referenciado, eu conseguia encontrar a ordem e reconhecia os personagens.

HP: Foi esse trabalho que lhe deu vontade de escrever esse livro?

MLS: Foram todas as coisas que eu me dizia: não posso morrer antes de ter feito isso. Eu sabia que era preciso fazer as fotos, e me dizia que era preciso testemunhar sobre os anos passados na Alemanha. Não há nada de heroico nisso, é totalmente singular: sou a única pessoa que conheço, com meu irmão, que teve essa experiência de estar presos na Alemanha, sendo que não tínhamos nenhuma razão para estar lá. São essas duas coisas que eu me dizia que era preciso fazer, e eu as fiz.

HP: Para voltar ao que você disse antes, sobre a precisão com que fez suas descrições, todo o trabalho efetuado para verificar as informações... É verdade que se trata de uma obra atípica, comparada ao que temos o hábito de ler. Não unicamente em relação à sua história singular, como você diz, mas também pelo estilo narrativo que você usa, justamente porque é bastante fatural e descritivo. Você não dá muitos elementos sobre as emoções das pessoas que a rodeiam. Imagino que é uma escolha deliberada?

MLS: É um gosto, meu gosto. Por quê? o que forma o gosto? O que forma o gosto é o que a gente leu. Fui muito influenciada pelos autores americanos, Hemingway, a nova literatura americana à qual tive acessos nos anos 1930, e logo depois da guerra. Você nota que eles escrevem um pouco assim, é sempre minimalista. E sobretudo eles contam uma história e “*when they made their point*”, eles terminam. Eles seguem adiante. Fui influenciada pelo expressionismo alemão na literatura, tive professores na Alemanha que me deram livros, livros proibidos pois, naturalmente, eram autores muito malvistas. Me deram para ler pequenos livros expressionistas que achei absolutamente maravilhosos, em que tudo era dito em algumas frases. E admirava muitíssimo essa maneira econômica de se expressar. Eu achava que se dizia muito mais assim, que ia diretamente ao coração das pessoas, mais do que falar de emoções e tudo isso.

HP: Eu me perguntava se era por pudor.

MLS: Não, não é pudor, é um gosto pela economia, que obtive com a literatura expressionista – Stefan Georg e muitos outros – na Alemanha e também com a literatura americana.

HP: Quando terminei de ler o livro tive o sentimento de que mesmo se as emoções não estão necessariamente escritas preto no branco, há momentos, fases, por exemplo quando você está na Alemanha e sentimos que é, como dizer, um pouco monótono, austero...

MLS: Não acabava... Eu digo, aliás, em meu livro que os seis anos na Alemanha pesaram mais que todo o resto de minha vida. Era interminável a Alemanha. Todos os dias a gente acordava e pensava: “um dia a mais”, e isso não acabava...

HP: Com uma impressão de repetição, de hábito, o cotidiano que dá essa sensação de lentidão...

MLS: E a de que não há saída, não há saída, não há saída.

HP: Em contrapartida, há uma outra fase, a partir do momento em que os americanos chegam para liberar vocês, em que tudo se torna um pouco mais leve...

MLS: Ah! foi milagroso, imaginem! Além de tudo tínhamos o que comer!

O capitão que era chefe do campo de repatriamento americano, tinha sido nomeado chefe desse campo (ele tinha 27 ou 28 anos) porque ele tinha ficado traumatizado durante a batalha das Ardenes⁸ alguns meses antes. Então não era mais possível colocá-lo na linha de frente, é por isso que esse homem jovem era o chefe.

Ele chega e pergunta a meus pais se pode me levar com ele porque ele não tinha intérprete e eu falava pelo menos três ou quatro línguas, entendia até o flamengo. Ele acha isso fantástico. Ele me leva e queria estar seguro de que eu estava protegida – ele tinha um guarda-costas que dormia ao seu lado em seu quarto, num apartamento que havia sido requisitado. Ele me instala num outro quarto desse apartamento e me diz: “o refeitório abre dentro de uma hora, esteja pronta, dentro de uma hora nós descemos para comer.”

Descemos e, me lembrarei sempre disso, não sei se disse nas minhas memórias: chegamos, era o refeitório dos oficiais e todo mundo estava à mesa, todo mundo ria. Ele chega comigo, e alguns começam a fazer comentários, “ei, ele encontrou uma moça”. Pouco me importava! Eu via o suco de laranja, me parecia algo absolutamente fantástico e só pensava nisso. E ele, o capitão, faz um discurso: “quando uma dama chega à mesa, todos os homens se levantam”. E ele fez todo mundo se levantar. Eu pensava, estamos a séculos, a mundos de distância. Eu só pensava na comida e ele pensava numa coisa só, que eu era uma mulher e que ninguém ia me desrespeitar.

Era incrível passar de um mundo ao outro! Tudo se tornava bastante divertido para mim a partir do momento em que estava com os oficiais americanos.

JC: A propósito da comida, no fim você conta que sua avó Granny⁹ proibia...

MLS: Ela havia dito à cozinheira francesa: somente duas torradas de manhã. Eu saio de um inferno e chego na casa de minha avó e ela me proíbe..., mas ela é louca, realmente louca!

HP: E você conseguiu contar-lhe?

MLS: Não, eu disse à mamãe que não era possível, que era indecente. Então mamãe foi ver a mãe dela e lhe disse: “por favor, faça um esforço e tente entender”. Minha avó disse então que se eu quisesse uma terceira torrada eu podia comê-la. Mas ela não podia imaginar. Na América não se podia imaginar.

JC: Eu retomo a questão da Helena sobre as memórias. Tive a impressão de que há, além de suas lembranças da guerra, uma preocupação de sua parte de contar às pessoas que não viveram a guerra – como minha geração – o que foi essa experiência.

MLS: Você tem razão. Uma de minhas intenções era certamente explicar a que ponto é uma experiência dificilmente descritível e a prova é que muitas pessoas não entendem. A gente tem dificuldade de descrever. Claro, há filmes e livros que descrevem a guerra mas não é de forma alguma como a ter vivido. Ao mesmo tempo o medo, a fome, o desespero também, é muito difícil entender. Não sei se meu livro contribui ou não para isso, mas eu tinha certamente a intenção de fazer com que algo passe.

JC: Penso que ele constitui uma ótima advertência sobre o que representa o perigo da guerra, o perigo de certos regimes autoritários. Você pensa que ainda hoje pode haver experiências semelhantes?

MLS: Certamente. Não é igual, mas o que as pessoas têm vivido na Síria por exemplo, imagino que seja terrível essa destruição, essas cidades em pedaços...

JC: Depois de ter lido seu livro comecei a me perguntar como as pessoas hoje puderam esquecer as catástrofes e as guerras do início do século vinte. Penso no ressurgimento dos discursos autoritários hoje em vários lugares do mundo. É por isso que suas lembranças e relatos da guerra são muito importantes.

HP: Em outros termos, o que você pensa sobre a atualidade?

Você diz: “em 1945 ninguém se interessava pela minha história, e finalmente muito mais tarde eu escrevo porque as pessoas podem estar interessadas, podem ter curiosidade sobre o passado.” Nesse momento você pensa em sua família, mas historicamente há um dado momento em que você pode dizer que os relatos de guerra começam a interessar as pessoas?

Em relação a isso, como se desenvolve essa memória quando se vê o que se passa na França – com Marine Le Pen – ou na Itália, na Áustria, e evidentemente no Brasil? Não sei se você pôde seguir um pouco a atualidade. Finalmente, como você vê esse trabalho de memória, que impacto ele pode ter? O que você pensa do que acontece hoje? Como você vê tudo isso?

MLS: Minha opinião é que nunca poderíamos prever o que está acontecendo. A primeira coisa: há surpresas. Por exemplo, um dos grandes problemas do mundo – meu marido chamou muito a atenção sobre isso – é a superpopulação, o fato é que somos numerosos demais. E isso tem consequências ecológicas dramáticas. Mas penso que não temos nenhuma ideia do que vamos descobrir. Talvez daqui a cinco anos a gente descubra que existe um planeta onde se pode ir, onde se vive muito bem, e, portanto, será a solução. No passado encontramos com frequência coisas assim. Tenho certeza de que o futuro nos reserva grandes surpresas, mas também boas surpresas, vão acontecer coisas das quais não temos a mínima ideia.

Portanto meus pensamentos não são muito sombrios, mas sou incapaz de dizer o que vai acontecer. O certo é que com todos os problemas atuais haverá lutas. Não há ar suficiente, não há espaço suficiente, não há superfície suficiente. Logo não haverá mais do que comer nos mares porque destruímos tudo. Existem grandes perigos. Mas há também grandes possibilidades que ignoramos.

HP: Eu gostaria de dar um exemplo: Juliana está no Brasil, eu estive lá nesse verão, e nós seguimos de muito perto a atualidade¹⁰. Em meio às denúncias relativas ao candidato de extrema direita, muitas pessoas destacam os paralelos com os discursos de Hitler antes da Segunda Guerra mundial, dizendo: “ele tem um discurso que não faz sentido, é completamente alucinante” – o que lembra o que você nos contou. Por outro lado há pessoas que dizem que não se pode tomar ao pé da letra o que ele diz (sobretudo pessoas de seu eleitorado aliás); e outros que respondem “se vocês pensam isso, vejam Hitler, ninguém o levava a sério, e vejam o que ele fez”.

MLS: Ninguém o levava a sério, exceto os alemães. O que nós, que não estávamos na Alemanha, não tínhamos levado a sério, é o estado de miséria assustador no qual vivia a maioria dos alemães. Eles não tinham mais dinheiro, uma nota bancária que num dia valia 10 valia 1,50 no dia seguinte e um dia depois 20 centavos. Ninguém podia mais comprar nada, e isso aconteceu com a maioria dos alemães. Foi isso que não levamos em conta. Foi uma consequência do tratado de Versailles: os vitoriosos, ou seja, os Aliados, pensavam que a partir do momento em que tinham ganhado a Primeira Guerra, o caso estava resolvido. Mas o caso não estava resolvido para os alemães. E frente a essa miséria, toda a propaganda de Hitler era a espuma na superfície das coisas. Mas no fundo a questão era a grande miséria e o fato que ele trazia economicamente de que pôr o país para funcionar de novo. É isso.

HP: Minha pergunta estava relacionada também com a ideia insistente de algumas pessoas que dizem: “não desprezemos o passado e lembremos o que já existiu para não repetirmos os mesmos erros”. Você pensa que isso foi feito?

MLS: Não, não acredito. Penso que no Brasil as pessoas nunca vão pensar que estão na mesma via que a Alemanha após a Primeira Guerra. Elas vão pensar nos seus próprios problemas e vão agir segundo suas próprias necessidades.

JC: Temos esse candidato que convence muita gente a nível econômico, os cortes no orçamento público. Mas ele tem propostas próximas do autoritarismo. E de uma certa maneira para nós o que está acontecendo é novo, um candidato com esse tipo de propostas. Você acha que para os alemães, antes da ascensão de Hitler, as pessoas também ficaram surpresas ao ver uma figura que propunha coisas radicais?

MLS: Tudo o que posso dizer a vocês é que no Brasil há provavelmente muita gente que vive na miséria. E as pessoas que vivem na miséria só têm ouvidos para o que possa tirá-las da miséria, é a única coisa que importa. Se alguém lhes mostra soluções econômicas, eles só vão ouvir isso. É simples assim. Minimizar a miséria é atroz: sem trabalho, sem possibilidade de ter um emprego para os filhos, nem ir para as boas escolas... É, enquanto isso existe, essa gente vai ouvir qualquer coisa. Vão votar para as pessoas que dizem: “vamos tirar vocês da miséria”. Os problemas são realmente complexos, é evidente, e eles são também mundiais, é ainda mais difícil agora. Não era assim no tempo de Hitler, ele pôde dizer: fazemos uma moeda interna e fechamos todas as fronteiras. Mas agora já não se pode dizer isso.

HP: Há situações em seu livro que me fazem pensar no que acontece atualmente. Está relacionado com o que dizíamos há pouco sobre a generalização sobre os “boches”, sobre os alemães. Aliás, é também uma das razões pelas quais seu pai não pensava que ia acontecer tudo o que aconteceu, pois ele afirmava que nem todos os alemães eram nazistas.

MLS: E isso é absolutamente verdadeiro.

HP: Sim, claro. Tudo o que constatamos atualmente no Brasil e na Itália, é que se trata de uma polarização extrema, com algo que é “cada um sua verdade”. Era o que você dizia agora há pouco quando você falava de uma incapacidade total de se colocar no lugar do outro.

MLS: É isso. Cada um sua ideia. E os outros, é como se eles fossem passivos. Mas eles são ativos e tão pensantes quanto você. Portanto, quando se quer realmente encontrar soluções, é preciso se colocar na mente do outro, e as únicas soluções são compromissos ou o diálogo.

HP: E isso não foi feito na época?

MLS: Oh, não.

HP: E não foi feito nem mesmo logo depois nem bem mais tarde? Você acha que isso foi feito depois da Segunda Guerra Mundial?

MLS: Digamos que apesar de tudo conseguimos fazer a Europa com os alemães, isso foi bom. Mas agora, com o Brexit, as coisas não vão bem...

- 3 Ou seja – e nas vidas pessoais é a mesma coisa – hoje você fala de uma determinada situação mas amanhã ela já é diferente, portanto tudo evolui. E isso também causa dificuldades, tudo está em evolução e, portanto, fica difícil fazer planos.

HP: Você diz uma frase, que para mim é quase que a mais terrível de todo o livro, a mais assustadora pelos sentimentos que a leitura provoca:

“Meu pai pretendia que nem todos os alemães eram nazistas, ele não estava errado mas não tinha a medida da impotência e da passividade dos alemães que não aderiam ao partido de Hitler.” (p. 55)

O que você quer dizer por “impotência”?

MLS: Não estou julgando. Eles não tinham escolha, eles só podiam ser passivos. Eles não tinham armas, não tinham nada. Eles sabiam que se abrissem a boca seriam fuzilados, sem pensar, sem nada, sem advogado, na hora. Então eles eram completamente passivos. Não havia nenhuma maneira de resistir. E é isto que na França não entenderam pois na França havia uma resistência. Mas podia haver uma resistência na França porque nem todo o povo aderiu. Então as pessoas podiam se refugiar na casa de outras. Na Alemanha não era possível; ir à casa de um vizinho para se refugiar, impossível. Era contagioso, vocês entendem, se você era suspeito o vizinho que o acolhia também se tornava suspeito. Então é essa passividade, não há julgamento, não é pejorativo. Eles não tinham escolha, nenhuma escolha.

JC: Eu me lembro que depois de seu bacharelado alemão você tentou entrar na escola de medicina e foi com sua mãe a Berlim.

MLS: Sim, porque recusaram a minha inscrição por princípio.

JC: O que quer dizer “recusaram por princípio”?

MLS: Justamente, não queria dizer nada. É por isso que fomos a Berlim. Minha mãe foi, e foi incrível pois não havia mais ministérios, mais nada, tudo tinha sido bombardeado. Nós chegamos e havia sempre uma flecha indicando “os gabinetes foram transferidos a...” e nós íamos duas ruas mais adiante. Era uma sala muito pequena com apenas uma mesa e duas cadeiras. Faziam-nos sentar cada uma em uma cadeira e o cara ficava atrás da mesa. Nada mais funcionava. Nós fomos nos informar e ele nos disse “não posso responder-lhes”. Nós refutamos: “mas você não pode continuar a recusar”, e aí ele aceita. Ele colocou um carimbo. Era uma loucura total, não havia mais ministérios, mais nada existia. A guerra é isso também, de repente todas essas grandes construções e essas hierarquias, de repente tudo desaba, não há mais nada.

JC: Você diz em certo momento que não tem certeza de que se deve voltar aos lugares de nossas lembranças¹¹. Você foi a Berlim depois, ou recentemente?

MLS: Não. Meu editor, Maurice Olender, sempre me diz que preciso ir a Berlim, que seríamos bem recebidos.

JC: Voltar aos lugares onde você viveu uma experiência tão forte como a guerra, é diferente de voltar aos lugares felizes, da infância? Que tipo de emoções isso produz em você?

MLS: Voltar aos lugares que conheci quando criança? Depende dos lugares. Em todo caso a memória deforma bastante. Desconfio das lembranças. É por isso que quando escrevi minhas memórias, fiz verificações sem fim, porque eu queria estar certa de que não havia inventado.

E eu já tinha feito esse exercício quando respondi às perguntas de Emmanuelle Loyer, que escreveu a biografia de meu marido¹². Nos entendemos muito bem eu e ela, ela veio frequentemente à minha casa para me fazer perguntas e mostrar o que escrevia. Nesse momento também tive que fazer um grande esforço para lembrar-me. Nós vivemos juntos 60 anos, então foi muito tempo. Todas as minhas lembranças desde 1950! Então eu sempre tento verificar, é muito difícil lembrar-se, mas enfim é um exercício necessário.

HP: Você termina seu livro no momento de seu encontro com Claude Lévi-Strauss. Por que nesse momento? Ele foi para você um interlocutor no que diz respeito à sua experiência durante a Segunda Guerra?

MLS: Ele tinha vivido tudo isso de muito longe [exilado nos Estados Unidos], ele tinha o sentimento de ter perdido alguma coisa. Ele não esteve nem ao lado dos resistentes, nem dos colaboracionistas. Ele estava completamente fora. As histórias da guerra eram para ele algo de bastante estranho, ele não tinha participado daquilo.

No que diz respeito à sua primeira pergunta, por que eu termino o livro no momento de nosso encontro: porque meu marido teria detestado que eu conte nossa vida conjugal. E isso eu devo a ele, ele me contava tudo, eu lhe contava tudo e ele tinha certeza de que eu era um túmulo. E vou morrer como um túmulo. Mas muitos editores tentaram se aproximar de mim...

HP: Eu não conhecia esse livro que você editou, *Chers tous deux*¹³. Eu me perguntava se isso fazia parte de uma necessidade de contar a vida numa época específica.

MLS: Sim, mas no caso é uma correspondência com seus pais, escrita dia a dia, portanto a memória é fiável. Tinha acabado de acontecer. Não tem nada a ver com o fato de escrever 50 anos depois. Eu quis publicar essas cartas porque pensava que era interessante conhecer a vida de um militar naquela época. Muitas pessoas me disseram que não tinha nenhum interesse porque evidentemente não era o Lévi-Strauss que escreveu páginas imortais.

JC: Podemos esperar um segundo livro de suas memórias?

MLS: Não, por enquanto não. Conteí muito minhas histórias e o que me incomoda é que quando se conta uma história sempre se conta também a vida dos outros...

HP: Tenho uma última pergunta sobre algo de que falamos pouco. Quando você fala de sua mãe, mas não somente, quando fala de seu próprio percurso – em particular dos estudos de medicina – você fala de seu papel entre os feminismos precoces que você evocou. Qual foi seu papel no seio de todos esses acontecimentos enquanto menina, moça e mulher?

MLS: Minha evolução como mulher na sociedade? Eu diria que minha mãe era certamente uma feminista. Ela tinha muita admiração por Ben B. Lindsey¹⁴, era muito amiga de Clara Malraux¹⁵. Ela estava convencida que as mulheres eram tão inteligentes quanto os homens. Ela sabia muito bem que fisicamente não temos as mesmas aptidões, mas mentalmente não há absolutamente nenhuma diferença. Ela me criou com essa ideia. Mesmo assim, vi no exemplo de minha mãe, que não conseguiu convencer meu pai a não partir para a Alemanha, que havia uma submissão que eu jamais teria aceitado. Eu teria me divorciado, sem dúvida alguma. Penso que meu pai teria até renunciado se ela tivesse dito “eu me divorcio”. Eu não tenho de forma alguma a mesma atitude que minha mãe, mas tenho 24 anos a menos e, portanto, não é a mesma geração.

O que se pode dizer sobre minha atitude em relação ao feminismo e que surpreendeu muita gente, é que vivi 60 anos com meu marido, sem que me incomode o fato de que as luzes estavam sempre voltadas para ele e não para mim.

Isso não me incomodava de forma alguma porque me alegrava imensamente o fato que meu marido, depois de ter passado anos muito difíceis – comigo aliás – fosse pouco a pouco reconhecido. E eu fui tão recompensada quanto ele, e nunca fiquei aborrecida que as luzes fossem para ele. Preciso dizer que meu marido era extremamente generoso comigo. Ele sempre me colocava em primeiro lugar. Quando

o presidente François Mitterrand o convidou para acompanhá-lo ao Brasil, meu marido recusou alegando que não viajava sem mim. Meu marido fez o máximo para que eu saiba que tinha um papel importante em sua vida, então eu nunca sofri por ficar na sombra. Mas para o público, para meus amigos por exemplo, sobretudo minhas amigas, elas sempre acharam que eu levava uma vida de freira porque meu marido recusava ir aos jantares, aos espetáculos. Ele era bastante claustrofóbico e não aceitava nada. Sempre me diziam “você leva uma vida austera”; e eu dizia “austera sim, mas como rimos em casa!”. É verdade que ele era incrivelmente engraçado e tínhamos uma vida bastante divertida.

O que surpreendeu muita gente à minha volta foi o fato que esses últimos nove anos, depois de sua morte em 2009, como sou sua executora testamentária, assumi muitas coisas. E as pessoas ficam estarecidas: eis uma mulher que não ouvimos durante 60 anos e que de repente começa a falar.

Naturalmente as pessoas ficavam espantadas porque desde que os livros começaram a ser publicados, os jornalistas quiseram me entrevistar. Fizem uma ou duas entrevistas e ocorreu muito bem. Portanto todo mundo tinha ouvido minha voz, todas as pessoas que me conheciam, todos sabiam que Claude e eu tomávamos todas as nossas decisões juntos, nunca fui oprimida enquanto mulher.

HP: E isso se vê em seu livro: nunca aceitar...

MLS: “*Never take no for an answer*”, e toda minha vida foi assim. Meu marido tinha certeza de que havia alguém a seu lado e é por isso que nos entendíamos tão bem. Ele tinha uma confiança total em mim e devo dizer que ele me deu confiança em mim.

Com tudo o que se passa agora, com o fato de denunciar os homens¹⁶, a denúncia vai longe demais. Penso que a boa realização das relações é bem melhor. Ou seja, penso que as mulheres também têm muito que aprender sobre o próprio comportamento face aos homens. Muitos mal-entendidos poderiam ser evitados... Não estou querendo dar a vocês uma receita infalível, mas acho que há muito a fazer para a educação das mulheres e dos homens na escola, para lhes dizer que é preciso se respeitar, respeitar a si mesmo.

JC: Minha última pergunta é sobre seu lado artístico. Em suas memórias, você conta que tinha um dom para o desenho, o retrato. Pergunto-me o que se tornou essa artista e qual é a relação que você tem com a arte hoje?

MLS: É fácil responder: eu sempre fui extremamente interessada pelos artistas, meu marido também pois seu pai era pintor. Nós tivemos amigos artistas e vimos muitas exposições. Há exatamente 50 anos me tornei amiga de uma artista americana, Sheila Hicks, cuja obra foi exposta este ano no Centro Pompidou. Fiz muitas coisas com ela, é uma de minhas melhores amigas. Tenho muitos amigos artistas aos quais me interessou muito. Eu mesma, vocês talvez o saibam, me interessei à história dos tecidos e escrevi um livro de arte sobre os caxemiras¹⁷. Fui curadora de várias exposições, portanto sei muita coisa sobre a maneira como se mostra as artes aos outros. Mas não fiz estudos de arte, li muitos livros. Acho que tudo isso pode se reunir, essas diferentes maneiras de se interessar pela vida. Elas podem conjugar-se e isso só pode enriquecer, dar uma dimensão a mais à maneira de olhar as coisas. A gente aprende muito.

JC: Senhora Monique Lévi-Strauss, agradeço-lhe imensamente essa entrevista. Todas as informações que você nos deu assim como os complementos de informação sobre seu

livro nos ajudam a refletir sobre várias coisas. Penso que é muito importante ler seu livro neste momento, no momento que o Brasil atravessa. É também muito importante que seu relato circule aqui, enquanto lição, enquanto história e como maneira de pensar. Você nos dá muita esperança.

4

NOTAS

1. *Uma infância na boca do lobo*.
2. Termo pejorativo usado pelos franceses, belgas e luxemburgueses, para designar os alemães; surge durante a guerra franco-alemã de 1870 e continua sendo usado após a Segunda Guerra Mundial. Hoje é considerado ofensivo. (NDT)
3. *La Flèche : organe central du Front commun*, em seguida « *organe central du mouvement frontiste* » 1934-1939. Hebdomadário antifascista, dirigido por Gaston Bergery (1892-1974), homem político. (NDT)
4. “Desde Munique, eu tinha perdido confiança em seu julgamento. Quando, pela terceira vez, ele me fez voltar à Alemanha no fim de dezembro de 1939, eu considerei que ele era um homem perigoso, do qual era preciso se distanciar. Mas fiquei enternecida por seu encarceramento e muito emocionada ao reencontrá-lo em seguida. Agora, nossos relógios indicavam a mesma hora.” (citação integral, p. 93 do original francês).
5. “Esse texto permite também uma segunda leitura: uma adolescente lutando com seus pais que ela considera irresponsáveis porque eles levaram sua família para a boca do lobo. Escrevendo essas linhas fiz as pazes com minha mãe e meu pai.” (p. 17-18 do original francês).
6. Do francês *dinarique*: diz-se da região da cordilheira dos Alpes que vai dos Balcãs à Dalmácia. De uma pessoa originária dessa região. Fala-se também de “raça dinárica”. (NDT)
7. Ela se refere à união da mãe judia e do pai não judeu.
8. Les Ardennes ou l’Ardenne (em valão: Àrdene; em neerlandês: Ardennen) é uma região natural que se entende entre os territórios belga, francês, luxemburguês e alemão. Fica situada ao leste dos rios Meuse e Sambre, e é delimitada ao sul pelos vales de Lorraine e Champagne. A batalha das Ardennes é o nome dado ao conjunto das operações militares que tiveram lugar durante o inverno de 1944-1945. O teatro das operações decorre quase que exclusivamente na Bélgica oriental, principalmente na Ardenne belga, com o objetivo final de reconquistar o porto de Anvers, mas a ofensiva alemã é barrada antes de chegar a Meuse. (NDT)
9. Ela encontra sua avó nos Estados Unidos depois da guerra.
10. A entrevista ocorre na véspera do segundo turno da eleição presidencial de 2018 do Brasil.
11. « *Não estou segura de que devemos visitar os lugares de nossas lembranças* » (p. 17 do original francês).
12. Emmanuelle LOYER, *Lévi-Strauss*, Flammarion, Paris 2015.
13. Monique & Claude LÉVI-STRAUSS, *Chers tous deux : lettres à ses parents, 1931-1942*, Seuil, Paris 2015.
14. Ela traduziu o livro de B. B. Lindsey e W. Evans, *The Companionate Marriage*, 1927.
15. Clara Malraux, nascida Clara Goldschmidt (1897-1982). Escritora francesa, foi esposa de André Malraux de 1921 a 1947. (NDT)

16. Alusão aos movimentos feministas intitulados *#balancetonporc* e *#metoo*, movimentos em reação a uma série de escândalos de assédio sexual, divulgado pela imprensa francesa e do mundo inteiro.

17. Lévi-Strauss, M, & Listri, M., *Cachemires: la création française, 1800-1880*, La Martinière, Paris 2012.

AUTORES

JULIANA CARUSO

Pesquisadora associada ao HYBRIS (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades) PPGASUSP-; LAPOD (Laboratório de Estudos Pós-Disciplinares) IEB/USP
ju.limacaruso@gmail.com

HELENA PRADO

Pesquisadora pós-doutoranda no **Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa**,
Projeto EXCEL, helenamprado@gmail.com